

Formar ou deformar: reflexões sobre a formação do analista nos dias de hoje

Form or deform: reflections on the training of analysts on present days

Ana Karina Fachini Araujo

Resumo:

Este artigo surgiu do convite para ministrar a aula inaugural do Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, cuja temática versou sobre a formação do analista ou os desafios enfrentados no decurso de uma formação. Falar ou escrever sobre a referida temática nunca é demais, sobretudo em tempos como esses, em que somos atravessados por muitos questionamentos, desde a formação em si, os efeitos da pandemia e uma graduação em Psicanálise. O artigo se divide em dois tempos: a formação do analista e a transmissão da Psicanálise. No primeiro, está presente o que é essencial para uma formação permanente e continuada. No segundo, um convite a refletir sobre a transmissão da Psicanálise e as necessárias saídas criativas para tanto.

Palavras-chave:

Formação; psicanalista; transmissão; psicanálise.

Abstract:

This article stemmed from the invitation to teach the inaugural class of the Training Course in Psychoanalysis at Instituto Sedes Sapientiae, whose theme has covered the training of analysts and the challenges faced throughout this journey. Talking or writing about the aforementioned topic is never enough, especially in times when we come across many questions, from the training itself, the effects of the pandemic and an undergraduate degree in psychoanalysis. The article is divided into two stages: the analyst's training in which the gist in the sense of a permanent and continued training is presented. And by conveying psychoanalysis, an invitation to reflect on the necessary creative outlets to do so.

Keywords:

Training; psychoanalyst; conveying; psychoanalysis.

Embora o tema da formação analítica tenha sido extensamente abordado, não me parece exaurido. Pelo contrário, tanto por sua relevância para o futuro do nosso campo quanto por ser gerador de polémicas, debates e cisões no movimento psicanalítico, considero que cada nova geração de analistas o recupera e vê-se solicitada a significá-lo à luz dos desafios que a realidade impõe (TANIS, 2018, p.29).

Este texto surgiu do convite para ministrar a aula inaugural do Curso Formação em Psicanálise. Sabe-se que é um momento especial, de retomada de nossas atividades letivas com os que estão em formação e com os que estão iniciando essa caminhada interminável. Estamos vivendo em meio a uma profusão de ideias e questionamentos que atravessam a Psicanálise e os psicanalistas, a Pandemia alterou nossa realidade de vida e de trabalho sobremaneira, desde então estamos nos reinventando e buscando saídas criativas, ao mesmo tempo em que somos procurados em nossos consultórios e nos cursos de formação. Neste contexto, nos sentimos procurados, desejados, cotejados e surpreendidos quando recentemente soubemos da aprovação do curso de graduação em Psicanálise. Tempos desafiadores e que merecem reflexão.

Embora a temática sobre a formação do analista já tenha sido exaustivamente debatida, continua sendo atual e merece que nos dediquemos a ela. Objetivo, então, dividir esse artigo em dois momentos. No primeiro, falarei sobre a formação do analista e no segundo sobre transmissão e formação, em que farei considerações sobre os cursos de formação e “graduação em Psicanálise”. Embora o texto seja escrito em dois tempos, quero salientar que eles não são excludentes, pelo contrário, dialogam profundamente entre si.

(DE)FORMAR, FORMAR E TRANSFORMAR

[...] a formação analítica deve ampliar seus horizontes sem perder a sua especificidade. [...] a formação de psicanalistas demanda uma especificidade, enfatizando a análise de quem a almeja como condição necessária, como possibilidade de abertura à ressignificação da própria subjetividade e como reconhecimento da eficácia do próprio inconsciente. Embora a análise seja condição necessária e primordial, não é suficiente quando o assunto diz respeito à formação (TANIS, 2018, p.30-31).

Um jovem analista no percurso de sua formação precisa beber nas fontes, buscar as raízes da Psicanálise e, nesse sentido, estou falando de Freud e Klein, para ter uma formação consistente e não dogmática que lhe permitirá saídas criativas para pensar-se como analista. O percurso de uma formação tem sentido quando nos propomos a formar também um sujeito ético e engajado com o pensar e fazer a Psicanálise, não no sentido de enquadrá-lo numa teoria, mas de pensá-lo como singular, único e em movimento.

Um movimento que começa pela busca do curso Formação em Psicanálise. Um curso com sua história e que fora pensado através do olhar questionador, transgressor e revolucionário de Madre Cristina em 1977, quando o Instituto Sedes Sapientiae (ISS) se tornou o primeiro espaço de transmissão da Psicanálise fora de instituições filiadas à Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Um curso cujo objetivo estava de acordo com a carta de princípios do ISS e se propunha nas palavras de Persicano (2007) ao:

[...] rompimento com o elitismo dominante no pensamento da época, de aproximação do saber à realidade social e política brasileiras, de construção de um pensamento e formar profissionais de Psicanálise, que se opusessem ao discurso e à prática dominante (p.103).

Nasce, então, o “Curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica”, nota-se que o curso não foi nomeado diretamente como curso de Psicanálise por ser um ato muito ousado para época, no entanto, já caminhávamos nesta direção (VIANA, 2007). O Sedes e seu compromisso respeitoso com a pluralidade abraçou a ruptura que houve, três anos após a fundação do curso mencionado, entre Roberto Azevedo e Regina Chnaiderman. Assim, dois cursos de Psicanálise passaram a existir no Sedes, o curso do Roberto, chamado “Psicoterapia e Psicopatologia Psicanalítica” e o da Regina “Curso de Psicanálise”.

Em 1990, novas mudanças ocorreram e Roberto Azevedo deixou o curso junto com alguns colegas. Então, o grupo que permaneceu decidiu renomeá-lo tendo como premissa que: “[...] a formação do analista é permanente e interminável” (VIANA, 2007, p.133). Nasce, com isso, o “Curso Formação em Psicanálise” e quatro anos depois a fundação do Departamento Formação em Psicanálise (PERSICANO, 2007).

Alguns anos mais tarde, os docentes notaram a crescente procura pelo curso e a incapacidade de receber a todos. Então, pensaram numa maneira de acolher, preservar e incentivar aqueles que tinham transferência com o Formação. Em 1999, criou-se o Fundamentos da Psicanálise com base em três premissas, receber aqueles que tinham curiosidade sobre a Psicanálise, aqueles que gostariam de

conhecer os fundamentos da Psicanálise e os que tinham o intuito de amadurecer para chegar ao Formação¹. Maria Helena Saleme e Oscar Miguelez acompanharam de perto o desenvolvimento do Fundamentos (COLOGNESE; SALEME, 2022).

O curso Formação em Psicanálise gesta a ideia “[...] que reconhece no fazer psicanalítico um eterno vir a ser” (VIANA, 2007, p.33). A autora ainda complementa dizendo que a singularidade do curso e a diferença para o outro curso de Psicanálise é que temos um ensino profundo de Melanie Klein e seus seguidores. Retomo a ideia de que as raízes são fundamentais para que o tronco e os galhos se sustentem. Dito de outra maneira, é preciso que exista um pai e uma mãe para que se tenham filhos (CAMARGO, 2022)², ou ainda, “[...] Três pessoas são necessárias – mãe, pai e filho – para criar uma criança edipiana saudável” (GABBARD; OGDEN, 2009, p.314). Reiteramos que somente através de um conhecimento sistematizado e aprofundado desses dois autores – o casal parental da Psicanálise – é que uma formação psicanalítica se dará, sobretudo, quando pensamos em estudar outros pensadores da Psicanálise.

Por falar na “criança saudável” – a Psicanálise – temos que retomar a genialidade, generosidade e brilhantismo de Freud. Somente a partir de suas ideias é que novos desenvolvimentos puderam acontecer, e Klein foi sua seguidora fiel! Ela mesma não conseguia se nomear kleiniana por sua ligação e gratidão a Freud (PETOT, 1987-88).

Kristeva (2002, p.13) a nomeia como “[...] mãe fundadora da Psicanálise das crianças e, ainda mais, de refundadora, depois de Freud, da Psicanálise dos adultos, notadamente a das psicoses”. E ainda acrescenta sua contribuição para a clínica do autismo.

Nesse mesmo sentido, Ferro (1995) considera sua grande contribuição para a Psicanálise infantil e análise de psicóticos. Somado a isso, afirma que Klein abriu caminho para aprofundar a compreensão dos neuróticos por meio da ampliação da escuta de suas angústias. Uma mudança de vértice no sentido de alcançar pacientes que não eram os chamados “tradicionais”, revelando novos modelos nosográficos, metapsicológicos e de compreensão da mente.

Ela manteve uma troca efetiva e rica com seus alunos, estimulando-os a fazer o mesmo entre si, tal situação promoveu uma grande ampliação do seu pensamento na clínica e para além dela. Ferro (1995) destaca a fecundidade de sua contribuição por meio do pensamento estético com Hanna Segal, e eu

1 Comunicação oral de Armando Colognese Junior, coordenador, à época, do Departamento Formação em Psicanálise e de Maria Helena Saleme, docente do curso Formação em Psicanálise, em 22 de fevereiro e 04 de março de 2022 respectivamente.

2 Comunicação oral em reunião do grupo kleiniano em 02 de fevereiro de 2022.

acrescento Meltzer, entre outros. Sua extensão ao pensamento político-filosófico com Money-Kyrle, ao trabalho com grupos por Bion e às questões do cotidiano social e institucional com autores, como Elliot Jaques e Salzberger-Wittenberg. Por fim, seu aporte ao pensar sobre a guerra e a política com Fornari.

É notório o quanto a linha inglesa se expandiu a partir de Melanie Klein, “o gênio feminino” –, inclusive, psicanalistas não-kleinianos puderam beber nesse seio abundante. O autor considera que “[...] os conceitos nascidos no modelo kleiniano [...] se tornaram patrimônio do movimento psicanalítico como um todo” (FERRO, 1995, p.25).

Uma consideração se faz necessária, não podemos deixar de lado a clínica que foi para o “casal parental da Psicanálise” ponto de partida para que pudessem desenvolver suas teorias. Penso que somos pegos pelas entranhas com as nossas análises e que disparam em nós o desejo de nos tornar psicanalistas.

Não é o conhecimento das teorias que nos torna analista, mas nossa própria análise, que nas palavras de Figueiredo (2021) produzem uma experiência de amor e gratidão à própria análise e, então, abre um caminho interno para que possamos oferecer esse espaço para ser habitado pelo outro. O autor nomeia esse espaço interno de “enquadre interior”:

[...] é um espaço côncavo de hospitalidade, escavado pelo amor e gratidão à experiência de haver sido recebido, escutado e pensado no encontro com alguém que, psicanalista ou não, pôde oferecer seu próprio espaço e tempo ao sujeito (FIGUEIREDO, 2021, p.10).

É disso que se trata, do encontro precioso entre duas mentes em profundo contato emocional – experiência emocional. Retomo Freud (1937) em *Análise terminável e interminável* quando considera que podemos caminhar com nossos pacientes até onde chegamos em nossa análise, pois se estamos “cegos” para nós mesmos, como poderemos conduzi-los? (ARAUJO, 2018). Reiteramos a importância da análise pessoal como ponto de partida para a formação do analista ou do analista em contínua formação, acrescido de supervisão e uma boa formação teórica.

2. TRANSMISSÃO E FORMAÇÃO

Quando pensamos em formação, recorro a Tanis (2018), quando apresenta em seu artigo uma discussão sobre transmissão e formação. A transmissão estaria para um peso grande do passado no presente, como algo que propõe a repetição, impedindo que os analistas sejam criativos e ousados. Já na formação o “vir a ser analista” abarca os conflitos e a transformação que fazem parte desse processo. O autor afirma que esses dois modelos estão presentes em instituições e que precisam ser analisados com crítica, no sentido de que o passado não impeça o surgimento do novo, acrescento a isso que o novo não se proponha a negar a importância do passado para compreender o presente, problematizando-o e sonhando o futuro.

Retomo a história do nosso curso, em que transmissão e formação dialogam e estão entretecidas. O ato transgressor e revolucionário de Madre Cristina em criar um curso de Psicanálise fora da IPA nos ajuda a compreender o presente e a pensar o futuro que queremos. Sim, temos um compromisso nessa empreitada no sentido de estarmos abertos para o novo, mas sem que para isso precisemos rasgar e queimar o velho, trama e tessitura. Godoy (2021)³, reiteradamente em Assembleia de Professores, nos questiona enquanto curso Formação em Psicanálise: “o que queremos e para onde iremos?”.

Penso que queremos formar continuamente psicanalistas capazes de pensar e criar seu próprio pensamento sem que para isso tenham de obliterar as raízes da Psicanálise. Gabbard e Ogden (2008) nos falam que no processo de se tornar analista é preciso sonhar-se de uma maneira autêntica, o que envolve libertar-se dos analistas que passaram por nossas vidas, de nossos professores e/ou supervisores, autores que admiramos. Experimenta-se “[...] uma tensão dialética entre reinventar-se, por um lado, e utilizar a própria ascendência emocional, por outro lado” (p. 318).

Sou levada a Odgen (2014) quando discorre sobre o “parricídio amoroso”, em que nos apropriamos do que é admirável das figuras parentais, ao mesmo tempo que em rumamos para um momento de autonomia e individuação, que, em última instância, equivale à morte em fantasia de um dos pais da situação edípica (ARAUJO; CINTRA, 2020).

Os psicanalistas que ingressam na formação, os que estão na formação permanente e continuada precisam estar atentos para questões históricas que nos atravessam. Hoje, a Psicanálise é alvo de vários questionamentos. A análise

3 Comunicação oral da reunião do grupo kleiniano em 02 de fevereiro de 2022. É preciso ressaltar que esse é um questionamento feito com frequência pela autora ao grupo de professores do curso Formação em Psicanálise.

demanda tempo e investimento, os sistemas de saúde não nos veem com bons olhos. A terapia cognitivo comportamental e as neurociências estão ganhando terreno, pois dialogam muito de perto com o discurso médico curativo e corretivo. Será que somos capazes de acompanhar as novas patologias que surgem na contemporaneidade? Ainda temos que lidar com a proliferação de cursos de Psicanálise de modo aleatório. E agora uma graduação em Psicanálise!

Freud (1919) escreveu um artigo: *Deve-se ensinar Psicanálise nas universidades?*. Nele considerava honroso para a Psicanálise o fato de estar na universidade, mas o psicanalista poderia dispensar tal fato e, assim, recorrer às reuniões científicas, leituras específicas e a prática clínica. Salientava à época que o caminho para o psicanalista se dava pela experiência como paciente, como analista e sob supervisão de colegas.

As universidades estão interessadas na Psicanálise e em nós psicanalistas. Ora, ora! Qual é o sentido desse repentino interesse? Alegam que é uma forma de deselitizar a Psicanálise. E como garantir um ensino de qualidade? Penso num encurtamento de caminho, justamente do precioso caminho da formação, sustentada no e pelo “tripé psicanalítico”. Outra indagação me vem à mente: quem serão os docentes a ministrar aulas? Questões éticas também me intrigam. Muitos se dedicaram a escrever sobre esse tema nos últimos meses, inclusive, em 21 de fevereiro de 2022, recebemos um comunicado do Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras acerca da nota técnica enviada ao Ministério da Educação (MEC), documento que também nos convoca a repensar desde de dentro e desde sempre a formação do analista.

Neste cenário, a seguinte questão se faz presente: como garantir uma formação nos tempos de hoje? Neste sentido, Tanis (2018) nos ajuda a pensar e nos propõe refletir sobre cinco aspectos. O primeiro deles é convidar os analistas em formação para contarem sobre as inquietações de sua prática clínica e sobre as múltiplas possibilidades de atuação do psicanalista, ao mesmo tempo em que a metapsicologia é apresentada gradativamente, “[...] como um movimento de teorização necessário para delimitação do campo da clínica psicanalítica” (TANIS, 2018, p. 36). Outro ponto para reflexão é pensar no clima institucional no sentido de que seja um ambiente onde não haja disputas entre escolas, e sim caminhos abertos para diálogos. Num clima amistoso, poderíamos oferecer “oficinas de clínicas”, em que analistas mais experientes apresentam alguns de seus casos clínicos⁴. Aprende-se muito nesse

4 Prática comum nos eventos que realizamos no mês de outubro de cada ano sob o título de Supervisão Clínica. O evento consiste em convidar um psicanalista a apresentar um caso clínico, que é supervisionado por um docente do curso ou um psicanalista convidado também palestrante do evento.

“exercício da clínica”. E, ainda, a organização de seminários temáticos e de trabalho na clínica para que possamos escutar e aprender na pluralidade de pensar psicanalítico, que está para além das escolas, e que comporta semelhanças e diferenças.

Como terceiro aspecto, nos convida a pensar sobre a “Psicanálise e suas clínicas”. Somos convocados a acompanhar as diferentes formas de sofrimento humano. Assim, onde quer que haja sofrimento humano, há campo de trabalho para o psicanalista. Isto implica que nossa prática clínica aconteça de maneira elástica. Isso me remete à Ferenczi (1928) quando este escreve sobre a elasticidade da técnica. Precisamos preparar os que estão em formação para terem um repertório clínico para além do “tratamento padrão” ou dos “casos tradicionais”, como mencionamos. É preciso pensar na ampliação da ação da Psicanálise para onde ela é chamada a intervir. E, então, oferecermos espaços para formar analistas implicados que possam ocupá-los.

Por fim, a questão da interface entre Psicanálise, universidade e pesquisa. Aqui, Tanis (2018) aponta para o fato de que muitos buscam a pesquisa na universidade como um atalho ou substituição da formação. Os cursos de formação psicanalítica precisam debater o assunto e abrir espaço para refletir sobre a pesquisa, que em nosso entendimento, surge das inquietações de um analista no seu fazer analítico. Abro um parêntese para compartilhar com vocês sobre minha experiência nesse contexto. No quarto ano do formação, muito intrigada com dois casos que tinham um funcionamento em comum, comecei a pensar sobre a identificação projetiva e contratransferência, com essa temática ingressei no Doutorado para aprofundar ainda mais o assunto. Sempre da clínica para a teoria que o pensamento da linha inglesa se deu.

Retomando a questão do percurso da formação analítica, apresento as considerações de Somensi (2021):

[...] o futuro analista seria capaz de compreender a especificidade do ser psicanalista, a partir de seu ponto nodal – o sujeito do inconsciente. Entendo que não perder de vista a especificidade, o alcance, bem como os limites da psicanálise é fundamental para poder refletir sobre diferentes clínicas, dialogar com outras áreas do conhecimento, compor equipes interdisciplinares etc.

Pensamos na formação ampliada, sem perder sua essência. Sampedro (2005, p. 463) nos apresenta uma passagem que gostaria de deixar como reflexão: “Ao longo de minha vida sempre foi mais claro o que não queria e o que não deveria, e é a partir dessas rejeições que venho chegando ao que sou ou acredito ser”⁵. Faço um paralelo com o autor, a Psicanálise e a formação do analista. Podemos não saber muito bem o caminho, mas precisamos ter claro o que não queremos e não devemos nesse percurso, penso que estamos falando da essência de cada um de nós e da especificidade da Psicanálise e do psicanalista.

5 Tradução livre da autora. “A lo largo de mi vida siempre he tenido más claro lo que no quería y lo que no debía, y es a partir de esos rechazos como he ido llegando a lo que soy o creo ser”.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. K. F. *O renascimento psíquico vivido em análise*. 2018. p.115. (Tese de Doutorado em Psicologia Clínica). Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018.
- _____; CINTRA, E.M.U. Uma leitura do Complexo de Édipo em Freud, através de Loewald e Ogden. In: *Boletim Formação em Psicanálise*. São Paulo, v.1, n.1, p.77-88, 2020.
- FERRO, A. Um rápido zoom sobre os modelos teóricos. In: *A técnica na psicanálise infantil. A criança e o analista: da relação ao campo emocional*. p.15-34. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- FERENCZI, S. (1918). A elasticidade da técnica. In: *Obras completas*. São Paulo, v.3, p.29-42. Martins Fontes, 2011.
- FIGUEIREDO, L.C. Um pressuposto básico para servir de introdução. In: *A mente do analista*. p.9-13. São Paulo: Escuta, 2021.
- FREUD, S. (1923). Análise terminável e interminável. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Moisés e o monoteísmo, esboços de psicanálise e outros trabalhos*. v.23, p.225-270. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1919). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In: *Obras Completas. História de uma neurose infantil. O homem dos lobos. Além do princípio do prazer e outros trabalhos* (1917-1920). v.14, p.377-381. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GABBARD, G.O. OGDEN, T.H. Sobre tornar-se um psicanalista. In: *Int. J. Psychoanal*, v.90, p.311-327. 2009.
- KRISTEVA, J. O século da psicanálise. In: *O gênio feminino: a vida, a loucura e as palavras. Tomo II. Melanie Klein*. p.13-22. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras. *Acerca da nota técnica enviada ao Ministério da Educação*. Disponível em: <http://sedes.org.br/Departamentos/Formacao_Psicanalise/dfp/formacao-psicanalise/>. Acesso em: 11 de julho de 2022.
- PERSICANO, M.L.S. (2007). Dos cursos de psicoterapia psicanalítica e de psicopatologia e psicoterapia ao Departamento Formação em Psicanálise: uma reflexão crítica sobre o destino de um nome. Uma história transgeracional. In: *Boletim Formação em Psicanálise*, v.1, n.1, p.99-128. São Paulo, 2007.
- PETOT, J.M. *Melanie Klein*. v.1. São Paulo: Perspectiva, 1987-88.
- SAMPEDRO, J.L. *Escribir es vivir*. Madri: Areté, 2005.
- SOMENSI, T.C.D. *Alicerces da formação psicanalítica: algumas considerações*. Material de aula 20 de setembro de 2021. Instituto Sedes Sapientiae: São Paulo, 2021.
- TANIS, B. A formação psicanalítica: especificidades e transformações. In: *Jornal de Psicanálise*, v.5, n.95, p.29-41. 2018.
- VIANA, S.A. Difusão da psicanálise: um olhar sobre a transmissão. In: *Boletim Formação em Psicanálise*, v.1., n.1. p.129 -138. São Paulo, 2007.